



Comunicação e Cultura Visual: Reflexões Sobre uma Comunidade Online de Produção Audiovisual Colaborativa ¹

Joice Suellen Aguiar Atique²
Mirian Celeste Ferreira Dias Martins³
Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

RESUMO

Os significados não se separam do contexto em que são construídos e vividos, e cada vez mais as pessoas vivem e comunicam cultura visual através do e no contexto web. É preciso refletir sobre esta tendência com o intuito de enriquecer tais experiências. Para isso, este artigo reflete sobre a comunidade web de produção audiovisual colaborativa *HitRecord*, investigando o papel destes jovens internautas como produtores de cultura visual, comunicadores e pessoas em busca de um conhecimento que vai além do que lhes é oferecido nas instituições educacionais.

PALAVRAS-CHAVE: internet; produção audiovisual; produção colaborativa; cultura visual, comunicação.

TEXTO DO TRABALHO

O estudo da cultura visual desafia os limites do sistema das belas artes ao incluir e discutir o impacto de objetos da área de comunicação, como cinema, publicidade, jogos digitais, conteúdo web etc., ao “ênfatar, deliberadamente, a relação arte e vida, ou seja, arte e imagem como parte do cotidiano, como parte de uma convivência diária com nossa diversidade e complexidade” (MARTINS, 2012, p.71)⁴. Desta maneira, contribuindo para que os indivíduos desenvolvam uma visão crítica sobre o poder das imagens, de seu potencial comunicacional e papel social.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

² Mestrando do Curso de Educação, Arte e História da cultura da UPM-SP, email: joiceatique@gmail.com.

³ Docente Curso de Educação, Arte e História da cultura da UPM-SP, email: mirian.martins@mackenzie.br

⁴ MARTINS, Raimundo. Porque e como falamos da cultura visual? *Visualidades*, [S.l.], v. 4, n. 1 e 2, abr. 2012. ISSN 2317-6784.



É um advento da pós-modernidade a mudança da noção e conceitos de autor/sujeito, a relevância que as representações visuais e as práticas comunicacionais têm dado ao ‘olhar’, ou seja, ao sujeito, em termos das construções de sentido e das subjetividades no mundo contemporâneo (HERNÁNDEZ, 2007)⁵. O papel da comunicação/imagem nas instituições educacionais passa a ser então o de articular uma diversidade de sentidos e significados.

Assim, o que Hernández afirmou no *Congreso Ibérico de Arte-Educación* em 2001⁶ continua a ser verdade, “a cultura visual está em expansão, assim como o campo das artes visuais. Este campo inclui as artes, televisão, cinema e vídeo, a esfera virtual, etc”, ou seja, inclui o estudo da comunicação desta cultura visual. Ao olhar para a *web*, estes estudos interdisciplinares têm um campo rico para observar fenômenos como dialogia, intertextualidade e heterogeneidade. Neste universo as interações ocorrem por meio de confluências, reciprocidades, simultaneidades e fronteiras. “Fronteiras porosas, como espaços muitas vezes imaginários, espaços de trânsito e sem uma divisão a priori do que é bom e mal, culto ou popular” (MARTINS, 2012, p.75).

Trabalhar com arte e com imagem na *web* nos desafia a estar atentos ao que Popkewitz (apud MARTINS, 2012, p.76) coloca como:

Entender que o olho não apenas vê, mas é socialmente disciplinado pela ordem, divisão e “criação” das possibilidades da organização do mundo e do sentido da identidade individual. Ao questionar como os olhos veem, é possível questionar também como os sistemas de ideias “tornam” realidade o que é visto, pensado e sentido. Tais perguntas sobre a razão – ou seja, a construção social da razão (e as relações de poder embutidas nestas) – são os princípios pelos quais o agente “vê” e age para efetuar uma mudança.

Os significados não se separam do contexto em que são construídos e vividos, e cada vez mais as pessoas vivem e comunicam cultura visual através do e no contexto *web*. Devemos discutir tais mudanças com o intuito de enriquecer estas experiências. Para isso, este artigo pretende refletir sobre a comunidade *web* de produção audiovisual colaborativa *HitRecord*, investigando o papel destes jovens internautas como produtores

⁵ HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da Cultura Visual: Proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

⁶ Fernando Hernández *Congreso Ibérico de Arte-Educación* Porto, Portugal, noviembre 2001.



de cultura visual, comunicadores e pessoas em busca de um conhecimento que vai além do que lhes é oferecido nas instituições educacionais.

HitRecord: Como funciona a produção audiovisual colaborativa na *web*

HitRecord⁷ é um site de produção colaborativa on-line fundada pelos irmãos Gordon-Levitt em 2005. Hoje neste site existe uma comunidade de centenas de pessoas ao redor do mundo que trabalham juntas para criar projetos audiovisuais como curtas de animação e vídeos poesia. O site funciona nos moldes de rede social. Cada usuário tem o seu perfil, que informa suas características e trabalhos anteriores. Uma vez que um usuário insere um trabalho pessoal – que pode ser uma poesia, texto, música, ilustração – ele permite que a comunidade avalie este trabalho. Caso o trabalho seja bem avaliado ele se torna mais popular e mais visualizado. Todos os trabalhos inseridos no site podem ser modificados e inseridos nos trabalhos de outros participantes.

Um bom exemplo de como a comunidade produz e interage é o vídeo *Strawberry Bootlaces* (LEVITT, 2011)⁸. Este trabalho começou com um poema inserido por um participante do Reino Unido. Este se tornou tão popular que várias pessoas da comunidade pediram para o autor gravá-lo em forma de áudio. Depois, um outro membro inseriu um faixa musical a gravação, e um ator dos Estados Unidos gravou uma interpretação visual do poema com fundo verde, permitindo, assim, que os ilustradores trabalhassem no vídeo. A comunidade fez dezenas de vídeos sobre esta interpretação. Então, um membro coletou vários trechos destes vídeos formando o trabalho final, que chegou ao *Sundance Film Festival* em 2012⁹. Abaixo vemos algumas imagens do vídeo retiradas do site da HitRecord :

⁷ Site HitRecord: <http://www.hitrecord.org/> (visualizado em 25/03/2014).

⁸ Levitt, Vídeo *Strawberry Bootlaces*, 2011:
<https://www.youtube.com/watch?v=41EhuUNFhH8> (visualizado em 25/03/2014).

⁹ O 2012 Sundance Film Festival aconteceu em 19 de janeiro a 29 de janeiro de 2012 em Park City, Utah. 64 curtas-metragens foram selecionados para o festival de 7675 submissões escolhidos entre 3592 submissões.



Outro trabalho onde vemos claramente a interatividade dentro da comunidade é o *Flickering Lights*. Não é possível saber com certeza como isto teve início, mas a comunidade começou a compartilhar diversos vídeos curtos com o tema Luzes Piscantes. Então o membro conhecido como Wirrow compôs um poema sobre o tema e gravou um áudio deste. Logo dois outros membros da comunidade criaram um fundo musical e inseriram ao primeiro áudio. Então outro membro, conhecido como Dr. Gory, reuniu trechos de 62 vídeos com o tema Luzes Piscantes produzidos pela comunidade e



criou o vídeo que alcançou centenas de milhares de visualizações no Youtube. Abaixo podemos ver algumas destas imagens utilizadas:





Desta mesma maneira são produzidos milhares de vídeos diariamente dentro da comunidade HitRecord. Alguns vão para festivais ou se tornam virais na internet, mas este não é o objetivo dos membros da comunidade, como veremos a seguir.

Porque se formam comunidades de produção colaborativa

Apesar de sabermos a história de como o site foi fundado, a questão de como a comunidade se formou é outra. Por que estas pessoas que não se conhecem resolveram trabalhar juntas? Uma pesquisa internacional desenvolvido pela *National Art Education Foundation* em 2013 e liderada por Kerry Freedman¹⁰ envolveu entrevistas com grupos de adolescentes e jovens adultos participantes de diversas comunidades de produção artística auto-iniciadas em cinco áreas urbanas. Um dos temas explorados nesta pesquisa é particularmente interessante para o presente artigo: a razão pela qual os entrevistados participam de comunidades de criação artística.

As principais respostas oferecidas pelos entrevistados foram: os contatos sociais feitos através de interesses em comum e um desejo de aprender aspectos da comunicação/cultura visual que tendem a estar ausentes do currículo escolar. A maior parte destes vê as obras de seus grupos como uma forma de criatividade, como a criação de um trabalho de arte. Os mais jovens nestes grupos reconhecem seu desejo de buscar nestas comunidades uma forma de aprender arte/cultura visual. Uma entrevistada afirmou: "basicamente, quero aprender tudo sobre a mídia. Aprendemos muito uns dos outros, nos tornamos mais experientes, nós compartilhamos ideias" (FREEDMAN, 2013, p.5). Alguns dos comentários feitos sobre esta questão diz respeito a uma falta de disponibilidade de aulas de arte. Mas na maior parte os membros do grupo que discutiu esta questão relatam que estes grupos são formados porque a educação formal parece ser artisticamente ou culturalmente limitada. Outro entrevistado afirmou: "Você está aqui para aprender algo sobre a mídia e a fazer bons filmes, então você aprende com os outros através de discussões" (FREEDMAN, 2013, p.5).

Portanto, aprender além do que é oferecido no currículo da educação formal parece ser o desejo da maior parte dos jovens que se envolvem em comunidades de

¹⁰ FREEDMAN, Kerry. Visual Culture Learning Communities: How and What Students Come to Know in Informal Art Groups. *National Art Education Association Studies in Art Education: A Journal of Issues and Research*. Tradução própria. 2013, 54(2), 103-115.



criação colaborativa. Assim, deve ser de interesse dos professores e pesquisadores da área a discussão sobre como esta aprendizagem informal acontece.

Considerações sobre abordagens à aprendizagem informal em web comunidade

Educadores das áreas de comunicação e cultura visual estão em uma boa posição para contribuir para o olhar crítico da imagem nos alunos por causa do conhecimento que têm sobre o imaginário visual. Aguirre (2013, p.15)¹¹ coloca uma questão fundamental sobre a relação entre os educadores e a produção da cultura visual entre os alunos:

Devemos entender esses jovens como sujeitos em formação e, conseqüentemente, os seus trabalhos como soluções amadoras, alguém que é processo de aprendizagem? Ou, inversamente, devemos reconhecer estes sujeitos capazes de agência e autoria e, portanto, suas obras como criações no mesmo patamar de artistas, editores ou designers?

A tendência que a própria cultura digital está reforçando é que todos tenham o direito à voz. A produção de alunos, comunicadores ou artistas profissionais não estão separadas no ambiente online. Geralmente é a qualidade destas que determinam seu maior popularidade, aceitação e divulgação. Da mesma forma, nas instituições educacionais os alunos têm a expectativa de que seus trabalhos sejam aceitos e respeitados.

Aguirre (2013) continua afirmando que uma das conseqüências da adoção de um ponto de vista que reconhece o sujeito criativo é que sua produção pode ser estudada em si mesma, e não apenas como uma conexão com algum tipo de formação, por exemplo, a escola. Outra conseqüência é que reconhecer o aluno como autor é dar voz a este, considerando a sua visão e opinião sobre a própria obra. É importante que os educadores reflitam sobre estas abordagens para conseguir lidar com o fato de que o aluno tem a possibilidade de criar fora da aula, e muitas vezes sem o conhecimento do educador.

¹¹ AGUIRRE, Imanol. Introducción de Investigar con jóvenes: ¿Qué sabemos de los jóvenes como productores de cultura visual? Pamplona: Pamiela – Edarte (UPNA/NUP).



Um ponto igualmente relevante é levantado por Alfred Porres Pla (2013)¹²: se adotarmos uma abordagem em que a cultura visual refere-se ao processo diário de ver e ser visto, a comunicação visual não pode ser reduzida aos artefatos visuais. Ou seja, outros fatores além do próprio objeto criado devem ser levados em consideração, como os processos relacionais que os indivíduos realizam em diferentes ambientes de criação, incluindo a web. Esta interação entre os indivíduos no ambiente online revela uma forma colaborativa de entender os ambientes de produção audiovisual.

Finalmente, esta produção extracurricular exige uma mudança de posicionamento de professores e adoção de temas que possam se conectar com as suas experiências e oportunidades de criação dos alunos na web. O que podemos aprender observando uma comunidade de produção colaborativa online é que é preciso modificar de alguma forma as relações de poder entre a instituição e os alunos, ou entre educadores e jovens, dando a estes um espaço de expressão e avaliação da sua voz.

¹² PORRES, Alfred Pla. Jóvenes como productores de cultura visual e instituciones educativas: relaciones y experiencias. Investigar con jóvenes: ¿Qué sabemos de los jóvenes como productores de cultura visual? Pamplona: Pamiela – Edarte (UPNA/NUP).



REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Imanol. *Introducción de Investigar con jóvenes: ¿Qué sabemos de los jóvenes como productores de cultura visual?* Pamplona: Pamiela – Edarte (UPNA/NUP), 2013, p. 13-24.

FREEDMAN, Kerry. *Visual Culture Learning Communities: How and What Students Come to Know in Informal Art Groups* National Art Education Association Studies in Art Education: A Journal of Issues and Research. Tradução própria. 2013, 54(2), 103-115.

HERNÁNDEZ, Fernando. *La necesidad de repensar la Educación de las Artes Visuales y su fundamentación en los estudios de Cultura Visual*. Congreso Ibérico de Arte-Educación Porto, Portugal, noviembre 2001. Disponível em https://docs.google.com/document/d/1ofNjHTXbnCiC_HhBpbJt3KhtkzUk4ytjROeY0BLB7N0/edit (Visualizado em 25/03/2014).

_____. *Jóvenes como productores de cultura visual y procesos identitarios. Investigar con jóvenes: ¿Qué sabemos de los jóvenes como productores de cultura visual?* Pamplona: Pamiela – Edarte (UPNA/NUP), 2013, p. 25-27.

_____. *Catadores da Cultura Visual: Proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LEVITT, Gordon. Vídeo *Strawberry Bootlaces*. HitRecord. 2011. <https://www.youtube.com/watch?v=41EhuUNFhH8> (visualizado em 25/03/2014).

MARTINS, Raimundo. *Porque e como falamos da cultura visual?* Visualidades, [S.l.], v. 4, n. 1 e 2, abr. 2012. ISSN 2317-6784. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/VISUAL/article/view/17999/10727>>. Acesso em: 24 Mar. 2014.

PORRES, Alfred Pla. *Jóvenes como productores de cultura visual e instituciones educativas: relaciones y experiencias. Investigar con jóvenes: ¿Qué sabemos de los jóvenes como productores de cultura visual?* Pamplona: Pamiela – Edarte (UPNA/NUP), 2013, p.101-104.

TOURINHO, Irene. *Ver e ser visto na contemporaneidade: As experiências do ver e ser visto na contemporaneidade: por que a escola deve lidar com isso?* Cultura visual e escola ISSN 1982 – 0283 Ano XXI Boletim 09 - Agosto 2011, 9-14.